

## A INTERFERÊNCIA DA CULTURA LOCAL NA PRODUÇÃO FONÉTICA DOS APRENDIZES BRASILEIROS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Zaine Guedes da Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é mostrar, por meio de dados coletados, que a interferência da língua materna e do entorno social do aluno, exerce grande influência no momento de aquisição de uma língua estrangeira, ainda mais, quando as línguas em contato, compartilham da mesma raiz etimológica como é o caso do português e do espanhol. Para tanto, pautamos nossas reflexões em Alonso Basseto (2001), Barros (1993); Donni de Mirande (1998), Fernández Trindad (2008), Fontanella de Weinberg (1979), Guitart (1983), Masip (2006), Parodi (1977) e Worf & Jiménez (1979). Nessa coleta, observamos que, por causa da influência regional, a grande maioria dos aprendizes brasileiros de língua espanhola que vivem na Zona da Mata em Pernambuco, optam pelo fonema lateral palatal sonoro, devido ao conforto que o parecido ou similar provoca aos estudantes, durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira.

**Palavras-chave:** sociofonética; ensino-aprendizagem; língua espanhola; língua portuguesa; aprendizes brasileiros

**ABSTRACT:** The objective of this work is to show, through collected data, that the interference of the student's mother tongue and social environment, exerts great influence in the moment of acquisition of a foreign language, even more, when the languages in contact, share of the same etymological root as is the case with Portuguese and Spanish. For that, we base our reflections on Alonso Basseto (2001), Barros (1993); Donni de Mirande (1998), Fernández Trindad (2008), Fontanella de Weinberg (1979), Guitart (1983), Masip (2006), Parodi (1977) and Worf & Jiménez (1979). In this collection, we observed that, due to the regional influence, the vast majority of Brazilian Spanish language learners who live in the Zona da Mata in Pernambuco, opt for the lateral palatal sound phoneme, due to the comfort that similar or similar causes to students, during the process of acquiring a foreign language.

**Keywords:** sociophonetics; teaching-learning; spanish language; portuguese language; brazilian apprentices

### Introdução

Nossa prática no ensino de língua espanhola a estudantes brasileiros mostra que um dos problemas fundamentais presente no processo de aprendizagem e de aquisição dessa língua é a proximidade formal entre português e espanhol, especificamente, no campo da fonética/fonologia e áreas afins. Essa proximidade tipológica entre as referidas línguas faz com que estudo entre as línguas vizinhas, se situe em um campo onde as hipóteses são múltiplas,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

tendo em vista que a língua materna é, constantemente, usada como estratégia básica de comunicação (MASIP, 2006).

A linguagem humana, como parte essencial desse processo, tem duas partes de acordo com Saussure ([1916]/2001): uma que é social em sua essência e uma outra que se apresenta de modo individual, melhor dizendo, a fala. A linguagem como realidade psíquica se constitui como um sistema de signos virtualmente depositados na mente dos membros de uma determinada comunidade linguística. Nesse sistema, encontramos características própria e peculiares de sua existência. Quando uma língua possui escrita e expressão oral, se identifica e se apresenta como forma de expressão viva, mesmo apresentando caracteres de uma forma comunicativa que só manifesta existência e vida em outros organismos vivos de comunicação, como é o caso do latim, por exemplo.

Nesse sentido, as investigações nos levam a refletir que as variações socio-fonéticas sempre refletem o social de uma determinada comunidade ou povo. É possível reconhecer, em determinadas localidades, que a passagem do fonema vozeado [Z] ao surdo [Σ], por exemplo, vai depender não só da faixa etária de seus usuários, mas também da região de onde se é articulado, deixando bem evidente, dessa forma, que tais realizações, não são aleatorias e que, portanto, estão a “mercê” do contexto e das condições de produção.

Assim, mediante ao quadro, brevemente, aqui, delineado, julgamos relevante, discutir o tema à luz dos seguintes trabalhos investigativos, dentre outros: Wolf & Jiménez 1979; Donni Demirande 1991; Barros, 1993; Win Kler Kusnir, 1998.

### **Realizações do fonema lateral palatal sonoro /ʎ/ e fricativo sonoro /χ/ em alguns países hispânicos**

Os romanos conquistaram a Península Ibérica no ano de 209. Os povos que ali habitavam sofreram um processo de romanização que incluia um dos principais veículos de comunicação: a língua latina. Sabe-se que o latim na Península passou por várias modificações por causa de outros povos, tais como: germânicos, alanos, suevos, vândalos, pirineos e visigodos que ali se instalaram por conta da causa da invasão (TEYSSIER, 2007). Desse modo, o latim escrito se manteve como língua culta e de prestígio, enquanto que o latim falado mudou rapidamente e originou o surgimento de diversas lenguas românicas na Península Ibérica. Basseto (2001) observa que a fragmentação rápida foi determinada por fatores como o grau de latinização e ação dos substratos e superestratos, além das variaciones dialectais do próprio latim vulgar.

## VARIA

Oriunda dessa língua, o espanhol passou por vários processos de mudança ao longo de sua história. Entre elas, o processo de desfonologização<sup>2</sup> do fonema lateral palatal sonoro e do fricativo palatal sonoro.

Esse processo, datado por Alonso (1951), aparece na América no século XVII e na Europa, se comprova o mesmo fenômeno em 1527 e que é, constantemente, associado ao baixo nível social dos falantes e em, especial, no castelhano rioplatense, segundo Parodi (1977).

Quando falamos, emitimos sons, no entanto, é necessário saber que tais sons não se realizam igualmente em todos os indivíduos de uma mesma comunidade de fala, e que nem todos os sons têm o mesmo ponto de articulação. Os americanos hispanofalantes, por exemplo, foram influenciados pela variante espanhola de Andaluzia no primeiro momento de contato. Esta influência converteu-se num fator importante em sua evolução. Além da acessibilidade e da cronologia, outros condicionamentos como fatores sociais influenciaram a estrutura fonética do castelhano. Aqui, trataremos de observar o uso distintivo dos fonemas /ʎ/ (lateral palatal sonoro) e /ɣ/ (fricativo palatal sonoro) espanhóis nos seguintes países: Uruguai, Argentina, Chile e Bolivia, na América do Sul; México, na América Central; e, na Europa, Espanha.

A língua espanhola no Paraguai, por exemplo, mostra tanto tendências conservadoras quanto inovadoras. Por ser um país sem acesso ao mar, chegaram muitas influências à Região do Plata pelo Panamá. E, como exemplo, desse conservadorismo, podemos citar a estreita distinção que se manteve entre os fonemas lateral palatal sonoro e fricativo palatal sonoro, se configurando, portanto, em um país não *yeísta*<sup>3</sup>. No caso da articulação do /ʎ/, destaca-se sua pronúncia africada, em todas as posições, realizada alveolar e um pouco ensurdecida nos socioletos urbanos de classe média e alta, sobretudo entre as mulheres.

Nesse sentido, é provável que um dos traços mais característicos do espanhol rioplatense seja o yeísmo de caráter rehilado dos fonemas /ʎ/ e /ɣ/ que, além de reduzi-los a uma única unidade fônica, apresenta ora uma realização surda, ora uma sonora. De acordo com Zamora Vicente (1949), o fenômeno do *rehilamiento* se reduz a Montevidéu, Buenos Aires e Rosário, porém Vidal de Battini (1964) assegura que é um processo que se expande até o interior da Argentina, e que a igualação palatal se constitui em um fenômeno lingüístico presente em todos os níveis sociais.

<sup>2</sup> Processo de formação e transformação de uma língua caracterizado pela perda ou redução de um fonema ou pela sua fusão com outro fonema (HOUAISS, 2011).

## VARIA

Na Argentina, como já pontuamos na introdução, a distinção e a igualdade entre os fonemas /ʎ/ e o /χ/ apresentam uma das características mais interessantes de toda América Latina, pois produzem a impressão de que existe um fonema /Σ/ tipicamente argentino (CANFIELD & CANFIELD, 1988). O fenômeno do *zeísmo*<sup>5</sup> é muito característico no espanhol argentino e bastante estendido na região do Plata, e que, recentemente, se converteu em *seísmo* (som fricativo palatal sonoro que é pronunciado como fricativo alveopalatal surdo). No entanto, Fontanella de Weinberg (1979) assegura que a realização surda do fonema é predominante entre as mulheres de 15 e 30 anos, enquanto que a realização sonora é acusada entre o grupo de 51 a 70 anos, independentemente do sexo. A partir desses dados, Fontanella de Weinberg (1979) sugere que a mudança expandiu-se partindo das mulheres jovens a outros grupos. Entretanto, desde o último quarto do século XX, nota-se uma marcada tendência, arraigada na população mais jovem, principalmente em Buenos Aires e Montevidéu, que prefere a variante surda [ʃ]. Tal fenômeno é considerado, pelos estudiosos, como fenômeno único no uso do espanhol, provavelmente por causa da influência dos imigrantes italianos que ao, desconheciam o [Z] usavam a variante surda [Σ] do italiano.

No Chile, país onde se fala oficialmente o espanhol, na atualidade, é quase completamente *yeísta*, porém, até setenta anos atrás, existia uma clara distinção entre os fonemas lateral palatal sonoro e fricativo palatal sonoro, tanto no Norte quanto no Sul (CANFIELD & CANFIELD, 1988).

Já na Bolívia, Canfeld (1992) e Gordon (1979) observaram que apesar da influência andaluza, existe uma clara distinção entre os fonemas /ʎ/ e o /χ/ do espanhol, como isso eles distinguem claramente entre “valla” e “vaya”, por exemplo.

No México, esses fonemas não apresentam função distintiva. Na parte Norte do país que vai desde Monterrey em direção ao Leste, a intervocálica se enfraquece e acaba se convertendo em uma semivogal (vocalização) ou até mesmo desaparecendo.

até o Norte e em direção ao leste, a intervocálica frequentemente se enfraquece e acaba convertendo-se em uma semivogal (vocalização) ou desaparecendo. Esse fenômeno é característico em toda América Central e em algumas regiões costeiras da parte Norte da América do Sul (CANFIELD & CANFIELD, 1988).

Na Europa, especificamente na Espanha, a publicação do ALPI (Atlas Linguístico da Península Ibérica) deu uma visão de conjunto sobre a permanência da palatal lateral no país. Existem três mapas, mas apenas um foi publicado e é nele que contém o mencionado fonema, como nas palavras “caballo”, “castillo”, “cuchillo”. De acordo com Navarro Tomás (1964), o

## VARIA

atual *yeísmo* em lugares como Santander e Asturias está relacionado, provavelmente, com a própria tradição dialetal. Em Andaluzia, o *yeísmo* compreende a parte oriental da região que vai desde Cádiz a Almería em direção ao Oeste.

Em Madrid, capital da Espanha, os fonemas /ʎ/ e /ɣ/ são usados indistintivamente, independentemente da classe social. Segundo Zamora Vicente (1949), o yeísmo se entendeu por quase toda a Espanha, sendo a metrópole madrilena seu principal difusor. No entanto, Navaro Tomás (1964) sugere que em meados do século XX, as classes altas madrilenhas ainda conheciam e mantinham a diferença entre *pollo* (animal) e *poyo* (assento). Tal distinção, se devia a pressão que o âmbito escolar exigia no intuito de segregar e classificar os formalmente escolarizados dos que não eram. E, isso pode ser constatado de modo bem evidente, nas gravações que existem dos ilustres madrilenhos nascidos no final do século XIX.

Em outros dialetos da Espanha, como é o caso do judeoespanhol, o *yeísmo* é realizado de modo unânime. Às vezes, nesse dialeto, aparece também a realização [ʎ]alveolar, em lugar do fricativo palatal como materialização das variações porque passam, naturalmente, as línguas naturais (D'INTRONO, DEL TESO & WESTON, 1995).

**Ensino – aprendizagem dos fonemas /ʎ/ e /ɣ/ por alunos brasileiros**

Ao longo de nosso trabalho como professor de língua espanhola percebemos, por parte do estudante brasileiro, preferências por algumas realizações alofônicas do espanhol. E dentro deste universo de realizações fonêmicas, optamos por investigar o comportamento do aprendiz brasileiro da Zona da Mata em Pernambuco, especificamente, no município de Escada, a realização do fonema lateral palatal sonoro, /ʎ/, e o fricativo palatal sonoro, /ɣ/. O estudante brasileiro que começa a aprender a língua espanhola apresenta, na maioria dos casos, dificuldades para escrever corretamente palavras que apresentem os fonemas anteriormente referidos, devido à semelhança que existe entre os sons quando ocorre a *desfonologização* - fenômeno que consiste em pronunciar o fonema lateral palatal sonoro como fricativa palatal sonoro. Logo, por conseguir estabelecer a relação entre o fonema e o grafema, acaba por equivocar-se no momento da produção ortográfica (MASIP, 2006).

Nesse sentido, observamos que tanto a facilidade, quanto a dificuldade de incide na interface português/espanhol pelo fato de serem ambas oriundas do latim e por compatilharem quase a totalidade do acervo lexical. Nessa perspectiva, isso se deve a uma análise comparativa e minuciosa feita por Richiman (1965) que considera que dentre as línguas do tronco romântico,

português e español são as que mais se assemelham tipologicamente. O que, consequentemente, leva alguns investigadores, como Masip (2013, p. 25), por exemplo, a defender o pressuposto de que tais línguas não são consideradas rigorosamente estrangeiras entre si:

Para sermos exatos, português e espanhol não são idiomas, estritamente falando, mas duas variantes dialectais do latim, que, por sua vez, pertence ao grupo latino-falisco, proveniente do tronco indo-europeu por meio do ítálico.

Diante do exposto, é, obviamente, natural que tais estudantes na hora do transpasse de uma língua a outra, acabe se identificando e se sentindo mais à vontade com o que lhe parece mais familiar e conhecido, ou melhor, com o fonema que já existe em sua língua nata.

Vejamos, na Tabela 1 as realizações alofônicas existentes no mundo hispânico para o fonema /λ/ e, na Tabela 2, as realizações existentes para o /γ/:

**Tabela 1:** Alófones do mundo hispânico para o fonema /λ/ na palavra “calle”.

Fonema	Alofone	Palavra
/λ/	[λ]	Calle
	[γ]	Calle
	[Σ]	Calle

**Tabela 2:** Alófones do mundo hispânico para o fonema /γ/ na palavra “yo”.

Fonema	Alofone	Palavra
/γ/	[γ]	Yo
	[λ]	Yo
	[Σ]	yo

## Metodologia

Para constatar a dificuldade de associação entre som e a produção ortográfica do brasileiro em estágio inicial de aprendizagem da língua espanhola em relação aos fonemas /λ/ e /γ/, lateral palatal e fricativo palatal, coletamos dados através de gravações de áudio com estudantes brasileiros de língua espanhola do 1º e 2º período do curso noturno de Letras / Espanhol.

A coleta de dados, para a constituição do *corpus*, foi feita com 50 (cinquenta) alunos, sendo 25 de cada período, voluntários e disponíveis para a pesquisa, da Faculdade da Escada – FAESC, no município de Escada – Pernambuco. Desses 50 alunos, 38 eram do sexo feminino e 12 do sexo masculino, tinham entre 20-35 anos. Para a gravação do *corpus*, foi utilizado um gravador TASCAM DR-05. A coleta foi realizada no período de 29 a 03 de outubro de 2014 e constituiu-se na leitura de cinco frases em espanhol em que o dígrafo “ll” (*o doble ele*) e o “y” (*la i griega*) aparecessem sempre em posição inicial de sílaba tônica, como na TABELA 3 abaixo:

**Tabela 3:** Lista de palavras lida pelos participantes para construção do *corpus*.

01	Pablo ya <b>llegado</b> y <b>llave</b> del coche está em su <b>bolsillo</b> .
02	La <b>vasija</b> está <b>llena</b> de <b>yema</b> .
03	La <b>iglesia</b> estaba <b>llena</b> ayer.
04	Mi <b>yerno</b> tardo trés em <b>llegar</b> .
05	Ya no me acuerdo se La <b>lluvia</b> que cayó a noche era copiosa.

## Avaliação dos resultados

A análise dos dados constituiu-se em uma transcrição fonética das frases lidas pelos 50 alunos, em que se destacou qual tipo de pronúncia (leia-se realização fonética) os mesmos utilizaram para a realização dos grafemas “ll” e “y”.

Observamos que 71,5% pronunciaram o fonema /λ/ de modo lateral palatal sonoro, [λ], sendo que 21,5% optaram pela realização de [γ] ou por uma fricativa alveopalatal [Σ], aproximadamente 8%. Nesse caso, constatamos que a tendência dos estudantes dessa pesquisa por a variante [λ] se dá pela semelhança fonética com o fonema lateral palatal sonoro do português brasileiro, que é representado ortograficamente pelo dígrafo “lh”.

Para o fonema fricativo palatal sonoro /γ/, 90% dos estudantes realizaram de modo africado alveopalatal [dʒ], enquanto que 10% optaram pela realização fonética de [γ], que se deu com mais frequência em posição intervocálica (como em “ayer”, “cayó”, por exemplo). Logo, essa última variação demonstra que o brasileiro poucas vezes opta pela tendência quase unânime do mundo hispânico: o *yeísmo*.

## VARIA

A rejeição pelo *yeísmo* por parte dos estudantes brasileiros deve-se, talvez, ao fato de que a realização fonética utilizada comumente no Nordeste do Brasil para a consoante lateral palatal sonora, fenômeno fonético que chamamos de vocalização<sup>6</sup>, ser estigmatizada. De acordo com Masip (2006), o uso do alofone lateral palatal sonoro e fricativo palatal sonoro evita problemas ortográficos no processo de ensino-aprendizagem por brasileiros.

No espanhol, apesar de apresentar várias possibilidades para a realização do fonema lateral palatal sonoro, nenhuma das pronúncias carrega em si um estigma tão evidente em qualquer que seja a variante.

### Proposta de superação ortográfica

O professor deverá conscientizar os alunos em relação às formas de realizações alofônicas dos fonemas [λ] e [γ] do espanhol, contrastando com o fonema correspondente lateral palatal sonoro (forma culta) [λ] e com a realização vocálica [i] (vogal anterior alta) do português, que é comumente utilizada pelos estudantes brasileiros ao invés de [γ]. Logo, propusemos que, ao invés de pronunciar o fonema [γ] como [i], os alunos passem a pronunciar o [γ] como uma variante hispânica [dʒ], pois essa seria uma forma de, no começo da aprendizagem, ser uma pronúncia mais adequada e facilitadora, a fim de minimizar os erros ortográficos, uma vez que a pronúncia gera forte influência na escrita, principalmente quando o indivíduo começa a aprender uma língua nova, e ainda em se tratando de línguas tão próximas, como é o caso do Português e do Espanhol.

Em relação ao fonema lateral palatal sonoro [λ], a semelhança dos sons entre os fonemas que têm o mesmo alófono nas duas línguas contribui para a rápida identificação dos brasileiros que intuitivamente optam facilmente pela laterização deste fonema.

Para facilitar o trabalho do professor, sugerimos que o docente faça uso da seguinte tabela comparativa (MASIP, 2006):

**QUADRO 1**

ALÓFONOS DEL FONEMA /λ/ ESPANHOI	ALÓFONOS DEL FONEMA /γ/ ESPANHOI	ALÓFONOS DEL FONEMA /λ/ PORTUGUÊ
[λ]	[dʒ]	[λ]
[γ]	[γ]	[i]
[Σ]	[Σ]	[Z]

**1. Alófono fricativo palatal sonoro espanhol [λ]**

O brasileiro não opta pelo uso do *yeísmo* espanhol devido à confusão que provoca no momento de escrever as palavras, já que este mesmo alófono [λ] é uma variante do fonema /γ/ lateral palatal sonoro espanhol. No português, a realização do fonema lateral palatal existe como realização de prestígio. E, por também fazer parte do sistema fonológico da nossa língua, o estudante tende a projetar o /γ/ português à realização do “ll” espanhol.

**2. Alófono espanhol usado especialmente na região do Plata [Σ]**

O som alófono [Σ] espanhol é um fonema que pertence ao quadro fonológico do português, como em “xícara” da língua portuguesa. A não utilização dessa variante pelos estudantes brasileiros deve ser evitada por causa das possíveis interferências entre o fonemagrafema português, pois [Σ] é ora grafado em português com “x” ora com “ch”.

**3. Alófono africado palatal sonoro espanhol [dʒ]**

O som de [dʒ] é uma realização alofônica do português brasileiro, utilizada especialmente por falantes do Rio de Janeiro, costumamente antes da vogal anterior alta [i], como em “dia”. Como essa pronúncia quase nunca é utilizada na região Nordeste do Brasil, especificamente em Pernambuco, é um som que pode, facilmente, ser usado pelos brasileiros que estudam espanhol, a fim de minimizar os problemas com o grafema “y” espanhol. Ao se deparar com o grafema “y” (*la i griega*), o estudante tende a pronuciá-lo como [i], som que mais se aproxima, no português, ao fricativo palatal sonoro do espanhol, [λ].

**4. Alófono lateral palatal sonoro [γ]**

Som que tem função distintiva com o fricativo palatal sonoro [λ] espanhol. Geralmente, a distinção entre [λ] e [γ] ajudam os brasileiros iniciantes a superarem os equívocos ortográficos: “caballo”, “palla”.

## Considerações

Depois de investigarmos o fenômeno linguístico supracitado, cremos que o professor brasileiro deve partir do contraste entre as realizações alopônicas que representam os fonemas lateral palatal sonoro e fricativo palatal sonoro espanhol e o fonema lateral palatal sonoro português, para explicar e identificar o processo de desfonologização que ocorre nesses fonemas. Desse modo, concluimos que uma das melhores maneiras para evitar o problema ortográfico com palavras que apresentam “y” e “ll” em espanhol, é sugerir ao aluno brasileiro, em estágio inicial de aprendizagem, que opte pela produção dos alófonos [λ] e [dʒ], correspondentes de /λ/ e /γ/, respectivamente, no momento da aprendizagem.

## Referências

ALONSO, A. La LL y sus alteraciones en España y América. Estudios dedicados a Menéndez Pidal, tomo II, **Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)**, Madrid, 1951. p. 41-89.

BARRIOS, G. Dos variables sociolinguísticas: /s/ y /ž/ en Montevideo: avance de Investigación. **Proyecto Marcadores sociolinguísticos en Montevideo**, Montevideo: Universidad de la República, 1993.

BARRIOS, G. El ensordecimiento del fonema palatal /ž/ IN: BARIRIOS, G. ORLANDO, V. (orgs). Marcadores sociales del lenguaje. **Estudios sobre el español hablado en Montevideo**, Montevideo: Gráficos del Sur, 2002. p. 29-42.

BASSETTO, B. F. **Elementos de filologia romântica**: história das línguas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, vol.1.

CANFIELD, A. A.; CANFIELD, J. S. **Canfield Instructional Styles Inventory (ISI) Manual**. Los Angeles, CA: Western Psychological Services, 1988.

D'INTRONO, F.; DEL TESO, E; WESTON, R. **Fonética y Fonología Actual del Español**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A., 1995.

DONNI DE MIRANDE, N. E. **Sobre el ensordecimiento del yeísmo**. IN: DONNI DE MIRANDE (org.). Variación lingüística en el español de Rosario, Rosario, Consejo de Investigaciones, 1991 p. 7-21.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros [et al]. São Paulo: Cultrix, 1999.

FERNÁNDEZ TRINIDAD, M. El contacto portugués-español en el siglo XIX. Primeros testimonios del yeísmo rehilado en suelo oriental IN: J. Espiga

y A. Elizaincín (orgs). **Español y Portugués: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos**, Editora EDUCAT, Universidad Católica de Pelotas, Brasil, 2008. pp. 319-350.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **Dinámica social de un cambio lingüístico**: la reestructuración de las palatales en el español bonaerense. Centro de Lingüística Hispánica (CLH) – Instituto de Investigaciones Filológicas (IIF) de la UNAM, Publicaciones del CLH, v. 7, Ciudad de México, México, 1979.

GORDON, A. Notas sobre la fonética del castellano en Bolivia (1979). IN. CANFIELD, D. L. **Speech Pronunciation in the Americas**. Chicago: The Chicago University Press, 1992.

GUITARTE, G. El ensordecimiento del yeísmo porteño. **Siete estudios sobre el español de América**; CLH–IFF–UNAM, Publicaciones del CLH, 13, México, 1983. p. 127-166.

MASIP, V. **Fonología y Ortografía Españolas**. Recife: Bagaço, 2006.

MIRANDA POZA, José Alberto. **Propuesta de análisis de falsos amigos en español y português: diacronia, campo léxico y cognición (semántica de los protótipos)**. Valladolid: Editorial Verdelís, 2014.

. **La universidad ante los desafíos de la enseñanza de español en Brasil**. Eutomia (Recife), v. 10, 2012, p. 339-361.

NAVARRO TOMÁS, T. La medida de la intensidad. **Boletín del Instituto de Filología de la Universidad de Chile**. Santiago, Chile. 1964. p. 231-235.

PARODI, C. El yeísmo en América durante el siglo XVI. **Anuario de Letras** 15, 1977. pp. 241-248.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIDAL DE BATTINI, B. E. **El español de la Argentina**. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.

WINKLER KUSNIR, J. El fonema /ž/ en el habla de Montevideo. **Anuario de Lingüística Hispánica**, v. 14, 1998. p. 517-532.

WOLF, C.; JIMÉNEZ, E. El ensordecimiento del yeísmo porteño, un cambio fonológico en marcha. IN: BARRENECHEA, A. M. et al. **Estudios lingüísticos y dialectológicos**: temas hispánicos, Buenos Aires: Hachette, 1979. pp. 115-14.

ZAMORA VICENTE, A. **Rehilamiento porteño**. Filología, v. 1. 1949, p. 122.